

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **A PRESENÇA DAS MULHERES NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Tarsila Tonsig Garcia Teijeiro

Professora de História na Prefeitura Municipal de Campinas/SP

E-mail: tarsila\_teijeiro@hotmail.com

### **Resumo:**

O artigo aborda elementos da pesquisa de mestrado realizada no âmbito do Profhistória e que foi apresentada no 31º Simpósio Nacional de História. O objetivo do trabalho foi o de observar como as desigualdades de gênero se fazem presentes na escola e nos conteúdos de História. A proposta da dissertação se pautou na percepção de que o ambiente escolar ainda se configura em um espaço marcado pelas desigualdades de gênero no qual papéis de gênero são reafirmados e estereótipos e preconceitos reforçados e de que a História na educação básica ainda é vista, majoritariamente, a partir de uma abordagem masculina, assim, quase não se fala de mulheres como protagonistas e, nas poucas vezes em que elas são apresentadas nos livros didáticos estão em uma pequena caixa de curiosidades ou em textos complementares. Na pesquisa, trouxe-se um enfoque para o contexto da Educação de Jovens e Adultos ao se analisar como o gênero influencia a composição das turmas de EJA e como ele aparece nos materiais didáticos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Ensino de História; Estudos de Gênero.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

## **Introdução**

O presente artigo tem por objetivo apresentar a pesquisa desenvolvida na dissertação de mestrado “A presença das mulheres no ensino de história na educação de jovens e adultos” que foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A ideia da pesquisa surgiu através da minha prática como docente de História na rede pública de ensino no município de Campinas, no interior do estado de São Paulo, e das reflexões geradas a partir da observação do cotidiano em sala de aula.

Enquanto professora, tive a percepção de que a História que se ensina na educação básica ainda é vista, sobretudo, a partir de uma perspectiva masculina. Percebe-se que as mulheres raramente são evidenciadas como protagonistas na História e que, nas poucas vezes em que elas estão presentes nos materiais didáticos, são inseridas em caixas de curiosidades ou em textos complementares separados do conteúdo principal. Ademais, essas mulheres, quando estão presentes, são apresentadas de forma individualizada, ou seja, inserem-se nesses espaços informações sobre algumas personalidades com trajetórias de vida excepcionais e que fogem ao comum como Joana D’Arc ou Princesa Isabel. No que se refere a esse tipo de abordagem, Gerda Lerner (1986/2019, p. 39) adverte para o que ela chama de história compensatória, que seria justamente uma história sobre mulheres, mas cujo enfoque se dá sobre a vida de personalidades cujos feitos são semelhantes aos dos protagonistas masculinos, o que leva ao entendimento de que o papel dos homens e suas ações ainda são mais relevantes.

Aliada a essa percepção em relação ao conteúdo de História, tinha também a minha estranheza com a forma que as relações de gênero eram tratadas na escola, uma vez que a temática de gênero ainda não está presente nas discussões levantadas e que

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

quando essas questões são abordadas, percebe-se que surge certo incômodo tanto entre os alunos como entre os professores. Desse modo, como não se estimulam debates e reflexões sobre a forma desigual com que as relações de gênero ocorrem em nossa sociedade, a escola acaba se tornando mais um espaço em que ideias preconceituosas e estereotipadas são reforçadas e difundidas.

A proposta dessa pesquisa de mestrado foi, então, a de analisar o lugar reservado para as mulheres e a forma como elas são apresentadas nos conteúdos de História na educação básica e o de observar, ainda, como as concepções de gênero estão presentes no ambiente escolar e como elas interferem nas relações entre os educandos e demais membros da comunidade escolar. Para tal, a pesquisa se pautou na análise de livros didáticos de História da Educação de Jovens e Adultos dos Anos Finais, de currículos e demais documentos relativos à área da educação para se verificar como a temática de gênero tem sido incorporada nos marcos legais da área. As reflexões expostas se basearam na leitura de obras de pesquisadores das áreas de gênero e educação como Joan Scott, Michelle Perrot, Margareth Rago, Guacira Lopes Louro, Circe Bittencourt, entre outros.

## **As relações de gênero e o ensino de História**

Observa-se que na escola os papéis de gênero socialmente convencionados para meninos e meninas são, amiúde, reforçados por falas e comportamentos vindos tanto de alunos como de professores e demais profissionais. No que se refere aos papéis de gênero, Miriam Pilar Grossi explica que:

Papel é aqui entendido no sentido que se usa no teatro, ou seja, uma representação de um personagem. Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra. (1998. p.6).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

Sendo assim, quando meninos e meninas adentram no ambiente escolar já há uma antecipação sobre como eles devem agir, falar, quais devem ser as suas preferências e de como deve ser o seu desempenho. Esses alunos e alunas são cobrados de cumprir com esses papéis, de modo que a escola promove ideais de feminilidade e de masculinidade que corroboram com as desigualdades de gênero e com as visões deterministas e limitadas do que significa ser homem e mulher em nossa sociedade. Nesse contexto, espera-se de meninas que sejam tranquilas e mais disciplinadas, enquanto que se presume o comportamento quase que oposto por parte dos meninos, ou seja, um perfil mais agitado e desafiador. Nota-se, então, que no espaço escolar, o conceito de feminilidade é construído em relação ao de masculinidade e vice-versa, de modo que um é visto como o oposto do outro.

Esse tipo de expectativa pode ser apreendido em conversas com os professores, nas reuniões pedagógicas e conselhos, observa-se nessas interações que o corpo docente incentiva e valoriza padrões de comportamento predeterminados para os alunos. Fábio Hoffmann Pereira (2008) explica que a ideia de “bom aluno” que se tem nas escolas condiz com a postura que se espera e se atribui às meninas, no entanto, o grupo escolar tende a enxergar os meninos como mais inteligentes ou mais capazes, mesmo quando o seu desempenho em notas e conceitos não seja superior ao das suas colegas de turma. De acordo com o autor, isso se dá pelo fato de que as dificuldades de desempenho dos meninos são, geralmente, imputadas a condições externas como questões familiares e financeiras e não à sua capacidade intelectual (PEREIRA, 2008).

Essas concepções têm impacto na forma como os alunos lidam uns com os outros, com a escola, com o seu aprendizado e na forma como enxergam suas qualidades e capacidades. Como demonstra Rosemeire dos Santos Brito (2009), uma parcela dos meninos se empenha em alcançar o modelo de masculinidade hegemônica, o qual relaciona à ideia de ser “homem” aos conceitos de força, dominação e poder. Assim, para agir de acordo com esse padrão, eles sentem a necessidade de se afirmar nesse

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

papel através de determinadas atitudes com o objetivo de se impor perante os demais colegas e professores o que muitas vezes culmina em comportamentos agressivos e na indisciplina escolar.

Dessa maneira, ressalta-se a forma com que situações que ocorrem no cotidiano da escola podem ser analisadas por uma perspectiva de gênero. Como aponta Rosemeire dos Santos Brito (2009), o chamado “fracasso escolar” tem uma forte marcação do fator gênero, pois ele ocorre com mais frequência entre os meninos, tendo em vista que eles constituem a maioria dos casos de repetência e evasão escolar e que estão mais presentes nas salas de recuperação do que as alunas meninas. Sendo assim, a escola, que é um local que poderia proporcionar o questionamento e a reflexão sobre modelos e rótulos acaba se tornando um espaço que contribui para a reprodução e disseminação de estereótipos de gênero.

Realça-se que, a partir do momento em que não se debatem as desigualdades de gênero nas escolas ou em que a temática é evitada, pois é vista como tabu social, a escola acaba se tornando um lugar que contribui para reforçar esses padrões de comportamento de forma acrítica gerando um impacto no comportamento, na autoestima e no desempenho acadêmico dos alunos. Tendo isso em vista, é importante trazer o tema para a discussão, os debates em sala são uma oportunidade para os alunos aprenderem a argumentar, desenvolver suas opiniões perante o grupo e também o de ouvir posições divergentes através do confronto de ideias, crenças e perspectivas. Desse modo, a sala de aula deve ser um espaço que se no qual se tem a liberdade de se discutir abertamente as mais variadas temáticas como as relacionadas às questões de gênero.

Além dos padrões de gênero reproduzidos nas relações entre os sujeitos no espaço da escola, também se observa a ausência de uma perspectiva de gênero no que diz respeito aos conteúdos curriculares trabalhados. No que se refere ao ensino de História, percebe-se que houve uma discreta integração da temática das mulheres nos materiais didáticos e que essa inserção se deu através de caixas de curiosidades ou em textos e

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

atividades que são inseridos ao final dos capítulos, como afirma Cristiani Bereta da Silva (2007), foram abertos apenas parênteses para abordar a história das mulheres, elas não são postas como sujeitos influentes e atuantes nos conteúdos abordados. Desse modo, a participação das mulheres ainda permanece como um complemento a História principal vista como masculina, nesse contexto, Cristiani Bereta da Silva argumenta que “as mulheres parecem permanecer como um grupo desviante entre os saberes históricos escolares, ao passo que os homens ainda ocupam a ‘base da elaboração da regra’” (2007, p. 228).

No âmbito dos livros didáticos, Guacira Lopes Louro (2017) analisa que, nos livros de História, as imagens escolhidas para representar os eventos históricos ainda destacam o personagem do herói masculino. Nessas imagens, a figura masculina é relacionada aos ideais de liderança, força ou coragem vistos como necessários para a condução de feitos históricos, já a figura feminina, em oposição, é inserida com a finalidade de simbolizar conceitos mais abstratos como o de pátria ou o de liberdade. Percebe-se que esse tipo de visão histórica masculina e excludente pode ser identificado tanto em textos quanto em imagens, que são utilizados diariamente em sala de aula sem um olhar atento que questione esse conteúdo apresentado. Ressalta-se, então, a importância de se construir com os alunos uma postura crítica com relação à visão de História que está sendo proposta ao salientar as ausências e os personagens escolhidos sendo que esse olhar investigativo deve se estender aos textos e imagens também.

A análise de hábitos, crenças e costumes com uma perspectiva histórica demonstra que esses não são elementos intrínsecos e imutáveis de uma determinada cultura, mas que são elaborações feitas em um contexto específico, e que, portanto, eles podem e devem ser repensados ao longo do tempo. Portanto, entendendo a educação como um importante instrumento de transformação social (FREIRE, 1996/2020), tem-se na abordagem da temática de gênero nas aulas um instrumento de enfrentamento às desigualdades que encontramos na sociedade através da desconstrução dos papéis

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

gênero e da contestação de sua imposição ao evidenciar que eles se tratam de criações socioculturais.

## **A Educação de Jovens e Adultos**

Nesse trabalho, optou-se por um recorte de pesquisa que focasse a análise no contexto da Educação de Jovens e Adultos dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Essa modalidade de ensino visa a atender a população que não concluiu a educação básica na idade considerada adequada, no caso no Ensino Fundamental – Anos Finais, ela se dirige às pessoas com quinze anos de idade ou mais que não finalizaram essa etapa da educação. Desse modo, dedicou-se especial atenção para a análise de como o fator gênero influencia na composição das turmas de EJA-Anos Finais e como a questão aparece nos materiais didáticos utilizados em sala de aula.

As turmas de EJA são muito heterogêneas, pois nelas se encontram pessoas com diferentes histórias pessoais, objetivos e estilos de vida. Um dos fatores que pode ser utilizado para se observar essas turmas é o gênero, sendo que se tem um número cada vez maior de meninos adolescentes que são matriculados nessa modalidade, processo chamado de "juvenilização" da EJA. Esses meninos são os alunos considerados “problemas” no ensino regular, normalmente por apresentarem comportamento inadequado, por serem agitados, indisciplinados e até agressivos, ou por não terem bom desempenho em notas. De modo geral, esses alunos são enviados para as turmas da EJA assim que eles completam a idade mínima requerida (quinze anos) e o objetivo com tal movimento é o de tirá-los do convívio com os amigos e fazê-los terminar os estudos o quanto antes, ou seja, de livrar a escola do “problema”.

Quando esses meninos chegam na EJA, eles encontram outro grupo muito representativo nessas turmas que é o das mulheres adultas, alunas essas que, frequentemente, deixaram a escola na infância ou adolescência para ajudar nas atividades domésticas e no sustento da família. Ao observar o cotidiano dessas

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

estudantes, Dalva de Oliveira Costa (2011) aponta que a realidade das mulheres alunas de EJA se divide entre os espaços do trabalho, da escola e o da casa, desse modo, essas mulheres ocupam sua rotina com múltiplas tarefas como trabalho remunerado, cuidados com a família e a casa e a frequência na escola. Muitas dessas alunas relatam em sala de aula os seus desafios diários e o cansaço dessa exaustiva rotina é visível.

Nesse âmbito, para muitas dessas alunas esse retorno à sala de aula tem uma finalidade prática, pois amplia as possibilidades de conseguirem boas oportunidades de emprego ou um aumento salarial, o que permite a elas conquistar uma importante independência financeira e melhorar o padrão de vida. Mas, essa retomada dos estudos tem também um fator simbólico, pois ela tem um impacto na autoestima desse grupo de mulheres (BASTOS, 2011). Conversando com essas alunas, percebe-se que elas encaram esse momento na escola como um investimento pessoal, como uma forma de autocuidado e de ganharem mais autonomia perante a sua vida.

Abordar a temática das desigualdades de gênero nas aulas de História com as turmas de EJA é sempre muito produtivo, pois os alunos, em especial os adultos, levam suas experiências pessoais para a sala de aula e a partir delas são realizadas diversas discussões e reflexões. Quando se aborda a questão da violência doméstica, por exemplo, muitas das mulheres adultas relatam episódios de violências nos quais elas próprias foram vítimas ou situações que elas presenciaram no seu entorno. As alunas também relatam como a pressão para se casar e para assumir, sozinhas, a responsabilidade pelo cuidado do lar acaba por afastá-las de oportunidades de estudo e bons empregos, evidenciando, portanto, a pertinência do tema, uma vez que ele se faz tão presente na realidade.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

Quando se observa a temática de gênero<sup>1</sup> nos materiais didáticos direcionados para o público da EJA, percebe-se que o tema ainda é pouco presente e abordado de maneira superficial (TEIJEIRO, 2020). Nesses materiais, quando se encontram abordagens que trazem a participação das mulheres na História, elas, comumente, ocorrem em boxes ou textos complementares, assim, o conteúdo não é explorado de forma aprofundada, mas de modo suplementar. Ademais, ressalta-se a frequência com que são abordadas histórias de mulheres com trajetórias de vidas excepcionais, como se, para as mulheres, fosse necessário se empenhar em algo totalmente incomum ou extraordinário para conquistar seu espaço nas páginas da História.

## **Proposta de Sequência Didática**

Tendo em vista ausência de uma perspectiva histórica que apresente mulheres como sujeitos atuantes na História, decidiu-se pela elaboração de uma sequência didática que tem por finalidade estimular a abordagem do ensino de História sob a perspectiva de gênero. A sequência sugerida na pesquisa abrange o processo da abolição da escravidão e evidencia a participação ativa de mulheres nesse movimento através da utilização de literatura e da indicação de variados documentos e autores que podem ser trabalhados em sala de aula com os alunos.

Para essa sequência, optou-se por indicar a leitura do conto *A Escrava*, obra escrita por Maria Firmina dos Reis e publicada no ano de 1887. Nessa proposta, ressalta-se que Maria Firmina dos Reis foi uma mulher negra e importante escritora no século XIX e que inseria em suas narrativas denúncias abertas sobre o sistema escravista da época, destacando a crueldade e injustiça desse sistema e o sofrimento que ele causava. Assim, a proposta da sequência didática é utilizar elementos do conto e informações da vida da autora pra contextualizar as condições das mulheres no século

---

<sup>1</sup> A área de estudos de gênero é ampla e abarca diversos temas de pesquisa como feminismo, masculinidades, questões LGBTQIA+, entre outros. Na dissertação apresentada se optou por um enfoque com a perspectiva de história das mulheres no contexto da educação básica.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

10

XIX, considerando ainda as nuances de raça e de classe social no período analisado para ajudar a ampliar o estudo do processo de abolição da escravidão.

Na sequência didática proposta abordam-se, também, aspectos relativos aos direitos das mulheres no século XIX, ao papel social que era conferido a elas naquele período e as suas possibilidades de atuação. Nesse aspecto, são elencadas informações, sugeridas fontes, diversos autores e possíveis abordagens para o ensino desse conteúdo de uma forma mais plural e completa. Indicam-se, por exemplo, fontes sobre a atuação política das mulheres em clubes, associações e jornais, as quais tinham o intuito de se posicionarem de forma crítica ao sistema escravista e também de denunciar as desigualdades a que estavam submetidas, fazendo públicas as suas reivindicações. Desse modo, o objetivo foi o de fornecer recursos e materiais diversos aos professores que podem ser utilizados em sala de aula com o propósito de se ensinar a História com uma perspectiva mais abrangente.

## **Considerações finais**

Ao se observar os materiais didáticos, conclui-se que há uma discreta inserção da temática de gênero e da incorporação das mulheres como protagonistas na História. Assim, as mulheres ainda são apresentadas separadas dos conteúdos principais abordados nas aulas, pode-se dizer que elas estão presentes quase que a título e curiosidade, conferindo um caráter de suplemento à participação delas na História. Dessa forma, é necessário repensar o formato das aulas com o objetivo de se inserir novos olhares e diferentes sujeitos. A partir das análises feitas, ressalta-se a necessidade de se continuar o processo de introdução de uma História sob a perspectiva de gênero na educação básica evidenciando as mulheres como sujeitos históricos e apresentando eventos e períodos através de novas abordagens que demonstrem a influência do gênero na sociedade.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

Observa-se também uma ausência da temática de gênero nos debates propostos nas escolas e a forma com que o tema ainda é visto como tabu, de modo que, frequentemente, os padrões e modelos de gênero são reforçados e difundidos entre os estudantes. Reforça-se, então que a escola pode ser um local propício para debates e discussões que promovam o questionamento de concepções estereotipadas e excludentes, uma vez que o espaço escolar é um local plural e heterogêneo no qual pessoas com as mais diferentes histórias de vida, crenças e visões de mundo convivem diariamente. Sendo assim, uma perspectiva educacional que visa a livre expressão, a tolerância, o respeito e que acredita na convivência entre os mais variados grupos, pode auxiliar na construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

## **Bibliografia**

BASTOS, Ludimila Corrêa. **Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA**. 2011. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2ª edição, São Paulo: Cortez Editora, 2008.

BRITO, Rosemeire dos Santos. **Masculinidades, raça e fracasso escolar: narrativas de jovens na Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública municipal de São Paulo**. 2009. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

CAMPANA, Maximiliano; MISKOLCI, Richard. “‘Ideologia de Gênero’ notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo”. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Inclusão da perspectiva de gênero na educação e na formação docente. In: DUMONT, Adilson; TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins (orgs.). **Discutindo relações de gênero na escola: reflexões e propostas para a ação docente**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin; Belo Horizonte, MG: GSS; FUNDEP, 2009, p15-45.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHIMIDT, James W. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

COSTA, Dalva de Oliveira. **O lugar, a presença e o tratamento dado às mulheres no livro didático da EJA: espaço negado, espaço reivindicado**. 2011. Dissertação de mestrado – Centro de educação. Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

FORTES, Telma. “O que é de Menino? O que é de menina? Uma discussão a partir de gênero e sexualidade nas escolas públicas no município de Porto Velho”. **Gênero e Sexualidade nas Práticas Escolares** ST 07, 2006p. 1-6.

FREIRE, Paulo (1996). **Pedagogia da Autonomia**. 66ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GROSSI, Miriam Pillar. “Identidade de Gênero e Sexualidade”. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998.

LEITE, Sandra Fernandes. **O direito a educação básica para jovens e adultos na modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal**. 2013. Tese de doutorado.– Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – SP, 2013.

LERNER, Gerda (1986). **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Pierre Bourdieu. Escritos em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues. Guerras e violência sexual nos livros de história brasileiros: análises e orientações pedagógicas feministas. In: OLIVEIRA, S.; SILVA, E.; STEVENS, C.; ZANELLO, V. (Org). **Relatos, análises e ações no enfrentamento da violência contra as mulheres**. Brasília: Technopolitik, 2017, p. 131-167.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. “A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero”. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, núm. 54, p. 281-300, dezembro, 2007.

PEREIRA, Fábio Hoffmann. **Encaminhamentos a recuperação paralela: um olhar de gênero**. 2008. 111p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história – operários, mulheres e prisioneiros**. 8ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2018.

REIS, Maria Firmina dos. “A Escrava”. Em: **Úrsula e outras obras**. Brasília: Edições Câmara, 2018.

SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria de análise histórica”. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SILVA, Cristiani Bereta. O saber histórico escolar sobre as mulheres e relações de gênero no livro didático. **Caderno Espaço Feminino**, v. 17, n. 01, p. 219-246, Jan./Jul. 2007.

TEIJEIRO, Tarsila Tonsig Garcia. **A presença das mulheres no ensino de história na educação de jovens e adultos**. 2020. Dissertação de mestrado profissional- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2020.